

# A ideia de Europa no *Diário XVI* de Miguel Torga

CARLOS CARRANCA O. SOUSA\*

PALAVRAS-CHAVE: Miguel Torga, Europa, União Europeia, Tratado de Maastricht.

KEYWORDS: Miguel Torga, Europe, European Union, Maastricht Treaty.

Talvez toda a literatura tenha nascido de um golpe, de uma ferida que se torna cicatriz de um corpo, de uma pátria, de um continente. É sempre algo que nos dói e nos torna mais conscientes da nossa condição. Cicatrizes como resultado de um sem número de deslumbramentos, de ganhos e de perdas. Cicatrizes como roteiro dessa viagem de exílio que é a do escritor. Porque escrever é estar sempre fora, ansiando por uma pátria ideal, feita de velhas raízes e novos ramos, sob os quais possamos pernoitar, habitar e conviver, à sombra da sua altura.

A nossa literatura, a portuguesa, é, como se sabe, desde o início, uma literatura marcada pela errância. Errância pelo mundo, por todos os continentes do homem. Talvez Fernando Pessoa seja o exemplo mais universal dessa errância, sem sair do lugar. De uma errância feita pelo desdobramento da personalidade, pelo muito imaginar, por uma certa forma de navegação espiritual, que tão bem sintetiza a nossa História e o nosso Povo.

Das duas profundas e dolorosas feridas – as Guerras Mundiais –, restam hoje as cicatrizes que ajudaram, até há pouco, a dividir a Europa e o mundo. Delidas essas marcas, hoje cumpre-nos, a nós, europeus, olhar sem paternalismo e conviver sem reserva. Mas será possível, neste momento, onde se erguem na Europa novos fantasmas herdeiros de velhos senhores e novos senhores herdeiros

\* Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Director do Centro de Estudos da Lusofonia Agostinho da Silva da mesma Universidade.

de velhos fantasmas, sossegar a nossa condição de humanos atentos ao nosso tempo, singular e difícil, num continente antigo que nos cumpre viver?

No ano 2004, na Holanda, George Steiner terá afirmado, numa conferência realizada no Nexus Institute, e dedicada à Europa que a vida não reflectida não é efectivamente digna de ser vivida.

É por esse caminho, já trilhado por Torga e por todos aqueles que procuram um sentido, individual ou colectivo, que vamos.

Regressemos a Steiner para avivar o caminho já percorrido: «[...] ser europeu é tentar negociar, moralmente, intelectualmente e existencialmente, os ideais, afirmações, praxis rivais da cidade de Sócrates e da cidade de Isaías.» (Steiner, 2006: 36). E terá sido nessa combinação de herança helénica com a judaico-cristã que o império romano se forjou, dando sentido a uma Europa onde os particularismos ou identidades nacionais ou regionais contribuíram para o reforço da dimensão universal.

A responsabilidade partilhada, ou a consciência dela é, no caso do tema que encima este artigo, a marca torguiana de um percurso de vida, que obriga os escritores a serem «[...] os mágicos de papel e tinta que, da claridade dos Parnasos ou da penumbra das mansardas, a enobrecem [a humanidade] com mensagens e obras de beleza, paz e concórdia.» (Torga, 1995: 126).

Conhecer a ideia de Europa, na obra literária de Miguel Torga, as ideias políticas, a sua adaptação literária, assim como o seu discurso crítico e argumentativo, será tarefa própria para uma tese de doutoramento e impossível de concretizar num texto crítico limitado pelo número de páginas e pelo escasso tempo necessário a uma análise de grande fôlego. Sendo assim, optámos por uma breve abordagem ao derradeiro *Diário* do poeta transmontano e, a partir dessa leitura, encontrar alguns dos dados estruturantes do seu pensamento de europeu do extremo ocidental da Ibéria, da pátria de Camões.

Que imagem de Europa encontramos plasmada, criticada ou exaltada, no décimo sexto volume (de 11 de Janeiro de 1990 a 10 de Dezembro de 1993) do *Diário*?

Talvez não seja de todo desajustado citar um excerto de uma carta datada de 7 de Maio de 1994 – já o poeta tinha encerrado definitivamente a sua obra, sete meses antes do seu falecimento, a 17 de Janeiro –, a Mário Soares, em que a dado passo, afirma: «Eu também sou, e com desvanecimento europeu. Mas disse um dia destes a um jornalista do *Le Monde* que só o era com significação se continuasse a ser plenamente português.» (*apud* Rocha, 2000: 180).

Daqui se retira o elemento estruturante da sua ideia de Europa: uma Europa de povos independentes, de nações autónomas, mas colaborantes para um ideal comum.

Daqui à ideia de Europa anterior a Roma, a de Hesíodo, no poema *Teogonia*, onde pela primeira vez se terá referido expressamente o vocábulo *Europa*, jovem formosíssima, princesa fenícia, raptada por Zeus e transformada em rainha e mãe da futura dinastia de Minos, fica-nos o mito e o sentido inicial da sua evolução como comunidade cultural, que Roma tão bem soube incorporar.

A ideia de Europa terá evoluído para a pluralidade dos Estados Soberanos, de uma Europa da Cristandade (desde a Idade Média), para uma Europa da Humanidade (século XVIII) que consolida a filosofia crítica, a da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a da secularização da sociedade, para a de um século XIX, onde serão consagrados o direito dos povos e o princípio da nacionalidade, respeitando a individualidade de cada nação, construída sobre a Língua, a História e a Religião.

É esta a herança que Torga sabe receber e de que não está disposto a abdicar. Quer deixá-la aos vindouros, num acto de consciência cívica, patriótica e europeia, sempre atento às novas realidades e sempre de sobreaviso perante os falsos profetas, os novos padrões ideológicos do velho continente.

A carta de Torga a Mário Soares é um grito de desespero de alguém que, sem deixar de assumir a sua dupla identidade de português e de europeu, não deixa, contudo, de se afirmar radicalmente português, como marca de água da sua visão de europeu da Ibéria, inequivocamente orgulhoso da Língua que, ganhando carácter ao longo da sua longa História, se universalizou, construindo esse património variado que a confirma.

Assentando os seus princípios de homem e de artista na «tríade bendita» (Torga, 1995: 200) que jurou defender e que, galhardamente e obstinadamente cumpriu vida fora – «o amor, a verdade e a liberdade» (*ibid.*) –, é na procura desses valores que o poeta sente a Europa como um todo, um corpo com alma, e dói-lhe a irresponsabilidade daqueles que, em seu nome, a traem na qualidade de representantes eleitos. E é nessa linha que Torga vai verberar o Tratado de Maastricht, na Holanda, a 7 de Fevereiro de 1992. Livre quanto possível, refractário às autoridades teológica e política, como Espinosa, Torga zurzirá no tratado que, segundo o poeta, virá a ser «[...] uma nódoa indelével na memória da Europa, envergonhada de, no curso da sua gloriosa história, ter trocado neste triste momento o calor do seu génio criador pela febre usurária.» (1995: 140).

Assim se iniciava o que hoje se tornou por demais evidente: o poder criminoso da especulação financeira, substituindo o idealismo do projecto humanista de uma Europa social, unida pelas artes, pela ciência, pela cultura e pelo trabalho, respeitando e compreendendo um património erigido pelo génio dos seus filhos.

O poeta de S. Martinho de Anta condena a dependência de Portugal e a sua «subserviência às mãos de uma Europa sem valores» (1995: 144), porque cresceu a acreditar «[n]um Portugal que serve o mundo em vez de o dominar, que regressa antes de ser expulso.» (2001: 192).

Em que Europa crê o poeta? Não é, por certo, «numa Europa que dia a dia masoquistamente se desfigura, como que envergonhada da sua nova identidade.» (1995: 140). Nem na Europa que percorreu e sofreu no início da guerra civil de Espanha, a de «[um] povo espanhol, atraído em 36 pela conivência de algumas nações e pelo egoísmo de outras.» (1976: 112). Nem na Itália que visitou na mesma época e onde «cada italiano que interpelava, culto ou inculto, dava-me sempre a impressão de que faiscava, em vez de raciocinar.» (1971: 93).

Mais tarde percorrerá a pátria de Verdi, visitando Pisa, Veneza, Florença, Roma, Nápoles, Capri, Pompeia e Sicília, na procura angustiada de um sentido colectivo, fraterno, para um futuro pelo qual se batia como cidadão e como artista de uma Europa idealizada.

Torga teima em acreditar numa Europa não comandada pela «batuta de um novo Bismark» (1971: 121), mas pelo génio criador de um Goethe, de um Hölderlin, de um Rilke, de um Kafka, de um Thomas Mann, que tanto admirava.

A sua Europa renasce sempre que folheia a *Odisseia* de Homero, ou se confronta com as aventuras do *D. Quixote* de Cervantes ou do de Miguel de Unamuno; ou embarca em *Os Lusíadas* e se afunda no *Diário* de Amiel, ou se redescobre mais europeu e mais moderno numa tela de Picasso; ou se revifica, sentindo-se mais ibérico, numa composição musical de Falla; ou reencontrando-se com o Homem nos *Ensaios* de Montaigne, ou navegando nesse mar chão de uma «Grécia velha, milenária, de fatalidades e maldições cristalizadas na memória.» (1995: 187).

A Europa de Torga está no génio versátil de Erasmo, na fraterna comunhão entre os homens e a natureza de S. Francisco de Assis, essa «realidade de um santo com santidade para todos os tempos» (1995: 143), no Horácio do *carpe diem*, numa «Europa [...] a soletrar a custo Fernão Lopes, Gil Vicente [...] e o padre António Vieira.» (1995: 183, 184).

O poeta deixa-nos, contudo, a triste realidade adivinhada de uma Europa a morrer como sonho, como projecto, e negligente quanto ao seu passado. Uma Europa poluída em Roma, sua capital espiritual, e a desfazer-se em Atenas, seu berço e sua tumba.

Crítico feroz da União Europeia, da abolição das nossas fronteiras e consequente livre circulação de pessoas e de bens, deixa registado no seu *Diário*, com data de 2 de Janeiro de 1993:

[...] ocupados sem resistência e sem dor. Anestesiados previamente pelos invasores e seus cúmplices, somos agora oficialmente europeus de primeira, espanhóis de segunda e portugueses de terceira. (1995: 189-190).

A 31 de Agosto do ano de 1993, na cidade de Chaves, a notícia de que o primeiro-ministro britânico se encontrava a passar férias em Portugal, mereceu-lhe o seguinte comentário:

[...] tem comido bem, bebido melhor e passeado. Até figos vindimos provou e saboreou, dizem os jornais. Os nossos velhos donos dão, como sempre, sinal na hora própria. [...] Este barão actual espairoseu num rabelo motorizado, sem risco e sem passaporte restritivo, apenas com licença magnânima da C. E. E., que lhe disse que sim, que aproveitasse, que isto agora é baldio, comunitário, multinacional, e deles, ingleses, com particular direito. (1995: 149).

Homem de grande frontalidade, Torga nunca transigirá na defesa dos valores e dos ideais pelos quais se bate permanentemente:

Ninguém me encomendou o sermão, mas precisava de desabafar publicamente. Não posso mais com tanta lição de economia, tanta megalomania, tão curta visão do que fomos, podemos e devemos ser ainda, e tanta subserviência às mãos de uma Europa sem valores. (1995: 173).

Torga, «orfeu rebelde», nunca deixará de, em todas as circunstâncias, colocar o seu génio ao serviço do cumprimento de uma sociedade mais justa, onde os princípios e valores do socialismo democrático – entendidos à escala planetária –, caminhariam no sentido do Homem Universal. E assim sonhava um destino para a Europa, nesse combate espiritual, intelectual, moral e social.

Agindo sempre por sentido do dever, Torga sabia que em democracia o poder reside, efectivamente, no povo e que os caminhos que estavam a ser

trilhados pela União Europeia não eram o da aproximação dos povos, de um aprofundamento da cidadania, mas uma via para o domínio dos mais ricos.

Torga sabia que a defesa da liberdade, da independência, passa, primeiro que tudo, pela garantia de mecanismos de intervenção contra a agressão exterior à nossa individualidade e pelos limites da acção individual no espaço que é de todos.

Combatente da liberdade contra todas as formas de totalitarismo, resistente à ditadura, socialista humanista [...] cidadão livre, inconformista e, por vezes, incómodo, que sempre lutou contra o medo, a subserviência e o indiferentismo cívico. (Amado, 1996: 3),

assim o caracterizou Jorge Amado.

Mais do que europeu, Torga sentia-se cidadão do mundo, ainda que, primeiro que tudo, português e português fiel às suas origens rurais, eterno cavador do espírito, castiço por dentro e por fora, nunca renegando as suas origens sociais, geográficas e cívicas, ampliando essas raízes ao extremo da Ibéria, no simbólico uso da boina basca da pátria pequena de Unamuno.

David Mourão Ferreira afirmará que o poeta representa «quanto há de viril, vertical, insubornável, no homem português contemporâneo.» (Mourão Ferreira, 1978: 1094).

Daqui se conclui que quanto mais local, mais enraizado no solo pátrio, mais europeu, mais universal. É nessa afirmação de virilidade que Torga entende a liberdade como plenitude e como direito.

Torga sabia que «a única maneira de ser livre diante do poder, é ter a dignidade de o não servir» (1995: 76), e reconhecendo a nossa incapacidade, como já o havia afirmado o etnólogo Jorge Dias em *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, de agir dentro da lógica capitalista, só uma profunda consciência de nós mesmos poderia salvaguardar a independência arduamente conquistada através dos séculos. Será dentro desta lógica que o poeta exige patriotismo e maldiz o Tratado de Maastricht, alertando para os seus malefícios, que trariam consigo a dependência dos estados de menores dimensões:

[...] só que as grandes potências podem dar-se ao luxo de todos os jogos malabares e safadezas, e assim assinar até tratados ardilosos com abdições aparentes da sua identidade. E as pequenas, não. Se, por levandade ou megalomania, arriscam um mau passo no caminho da independência, perdem-se de vez. (1995: 121).

Entre o mito e a realidade fica-nos a tragédia de uma Europa incapaz de revelar uma vontade na sua pluralidade cultural, que se deixou raptar por um Zeus que tudo pode e a subjuga e que, ao invés do mito, não a transforma em rainha e mãe da futura dinastia de Minos, mas em servente da prepotência financeira, incapaz de compreender e sentir a unidade espiritual que ela comporta, e que lhe foi conferida pela *tradição eterna* dos seus povos, como gostaria de afirmar Miguel de Unamuno, ou pelas cafetarias de Lisboa ou de Copenhaga onde, no dizer de Steiner, Pessoa, Kierkegaard e outros, se sentavam a desenhar o mapa da Europa.

A ideia de Europa no *Diário XVI* de Miguel Torga resume-se à lucidez de quem, do seu tempo, e observando-lhe as profundas mudanças, adivinha o futuro comprometido na vulgaridade massificante de um *shopping-center* enorme, gerido por agentes de um poder sem rosto, e onde alguns humanos, como formigas, sem lugar nem tempo para ocuparem a mesa de um café ausente, nervosos, inseguros e sós, bebem um cafezinho apressado, e onde outros, sem vida para esse tempo, fumam um cigarrinho triste.

## Bibliografia

- AMADO, Jorge «Prefácio», in: T., M., (1996), *Portugal*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 3.
- MOURÃO FERREIRA, David (1978), «Miguel Torga», in: COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário da Literatura*, vol. IV, 3.<sup>a</sup> ed., Porto, Figueirinhas, p. 1094.
- ROCHA, Clara (2000), *Miguel Torga. Fotobiografia*, Lisboa, Dom Quixote.
- STEINER, George (2006), *A Ideia da Europa*, Lisboa, Gradiva, 3.<sup>a</sup> ed.
- TORGA, Miguel (1971), *Criação do Mundo, O Quarto Dia*, Coimbra, Ed. de Autor, 2.<sup>a</sup> ed.
- (1995), *Diário XVI*, Coimbra, Ed. de Autor.
- (1976), *Fogo Preso*, Coimbra, Ed. de Autor.
- (1996), *Portugal*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- (2001), «Traço de União», in: T., M., *Ensaios e Discursos*, Lisboa, Dom Quixote.

RESUMO: Esta reflexão procura analisar a ideia de Europa expressa nas páginas do décimo sexto volume do *Diário* de Miguel Torga. Procura, ainda, realçar a importância dada pelo escritor à sua condição de português, assim como à imperiosa necessidade de defender

a liberdade nacional face aos poderes, em especial o financeiro, que tentam esmagar os estados europeus mais fragilizados.

ABSTRACT: This reflection aims at analyzing the notion of Europe contained in the pages of the sixteenth volume of Miguel Torga's *Diário*. In addition, it attempts to highlight the importance this writer has attributed to his condition as a native of Portugal as well as the dire need to defend national sovereignty when it is being threatened by specific powers, especially financial, which try to crush the more fragile European states.